

Karajá

# Revista

Goiania, 22 de junho de 1983

11/10/79

ACARY  
PASSOS

Um dos pioneiros no desbravamento dos sertões de Goiás e Mato Grosso, o professor Acary de Passos volta a denunciar os maus-tratos sofridos pelos índios brasileiros e garante que os

silvícolas não são tratados como seres humanos pelos dirigentes oficiais. Destaca ainda, que as autoridades temem o surgimento de um novo Juruna: "O cacique está fazendo com

que sua voz seja ouvida no Congresso". Toda a experiência do indigenista, em 40 anos de selva, está sendo relatada em um documento, que mais tarde, poderá ser transformado em livro.

## "Governo maltrata índios porque teme novos Jurunas"

MAURÍLIO LEMES

O sertanista Acary de Passos Oliveira está certo de que o desinteresse das autoridades governamentais pelos problemas dos índios se fundamenta numa explicação: "Eles têm medo do surgimento de novos jurunas. Sabemos que o cacique xavante não é um homem letrado. Mas sua voz no Congresso está sendo ouvida. Tanto que foi criada uma Subcomissão na Câmara para Assuntos Indígenas, uma coisa inédita no Brasil".

Por isso, acrescenta, os índios não são tratados como pessoas humanas pelos dirigentes oficiais, que sequer têm consciência da situação em que vivem. Assim, prevalece, na própria Constituição brasileira, uma estranha resolução nesse sentido, em que o índio é considerado "gente menor" e que, nesse caso, seu tutor é o Presidente da República.

DO DINHEIRO

Tudo isso, acrescenta o professor, tem possibilitado aos "Senhores do dinheiro tomarem as terras dos índios, sendo este o maior problema que os silvícolas enfrentam atualmente". E continua: "Numa disputa judicial por uma área indígena, os índios, mesmo tendo razão, nunca ganham. O governo sempre preferiu dar razão aos grupos econômicos invasores, sejam eles nacionais ou estrangeiros".

O principal culpado dessas injustiças, garante Acary, é o ministro do Interior, e prevê que o problema vai continuar enquanto a Funai — Fundação Nacional do Índio, estiver subordinada àquele Ministério. Ele argumenta que a questão poderia ser resolvida, se o órgão que se diz "protetor dos índios" passasse para jurisdição do Ministério da Justiça.

PRECONCEITO

Mas os maus-tratos aos índios, segundo o indigenista, não vêm partindo só dos meios oficiais: "A própria sociedade, em geral, comete um erro profundo ao chamá-lo de ocioso, entre outras qualificações, porque algumas pessoas ditas civilizadas visitaram aldeias e não os viram trabalhando. Ora, o índio se preocupa basicamente com a saúde e a alimentação da família. Além do mais, produzir para vender a quem, se muitas tribos vivem a maior parte do tempo isoladas do mundo dito civilizado?", indaga.

Muito dos preconceitos contra os índios, observa Acary, são propagados entre os "brancos" por absoluta falta de conhecimento dos costumes e leis tribais. "Tudo que eles fazem, mesmo que para nós sejam atitudes chocantes, obedece a um código familiar ou mesmo ao culto a determinadas superstições".

CRIANÇAS MORTAS

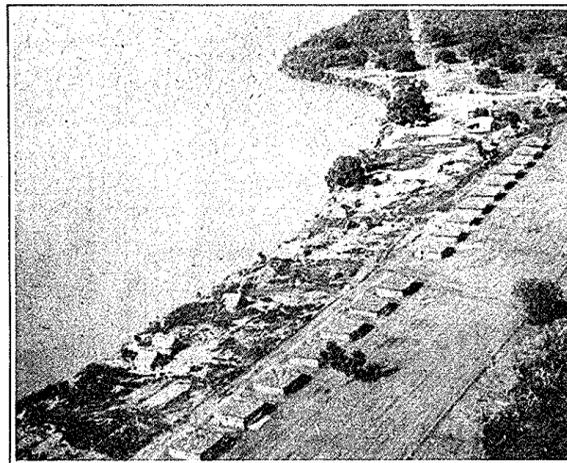
Como exemplos, o professor relata que nas aldeias existentes na região do Xingu, em Mato Grosso, a mulher índia era obrigada a matar o filho resultante de um adultério, assim que a criança nascesse, por duas razões: limpar o nome, pois, do contrário, seria expulsa da tribo; e porque a criança era considerada um filho sem pai e, assim, não poderia subsistir, já que ao homem cabia sustentar somente a esposa e os filhos do casal.

Um filho defeituoso fisicamente também era sacrificado, pois, em caso de guerra, seria presa fácil do inimigo, e a tribo não admitia tamanha humilhação. No caso de filhos gêmeos, o segundo a nascer também era morto, principalmente se fosse casal: na crença indígena, o homem representa o Sol e a mulher a Lua; os índios acreditavam que se o casal gêmeo brigasse um com o outro na Terra, o Sol e a Lua fariam o mesmo no espaço, e o mundo desapareceria.

Acary garante, contudo, que tudo isso mudou muito. Ele chegou a presenciar algumas dessas cenas, e inclusive, evitar que "um filho adúltero fosse morto". Atualmente, o professor continua ministrando aulas e palestras sobre essas experiências a alunos das escolas periféricas de Goiânia. "Quem sabe no meio da população mais pobre a gente encontra pessoas dispostas a defender a causa do índio. Porque os ricos não se interessam".



Apesar da pouca visão, Acary luta para deixar sua experiência "aos novos"



A aldeia que Acary de Passos construiu para os Karajá, na Ilha do Bananal, não existe mais. Um incêndio a destruiu



Com os restos de tintas deixados numa aldeia do Xingu pelo pintor Di Cavalcante, um índio pintou o retrato, recolhido por Acary



Na inauguração das obras na Ilha do Bananal, o presidente Juscelino ao lado de dona Sara, experimenta o presente recebido dos Karajá

### O documento: um retrato das selvas

O professor Acary de Passos Oliveira, um dos pioneiros no desbravamento dos sertões de Goiás e de Mato Grosso, está preparando um documento descritivo sobre seus mais de 40 anos de experiência nas selvas, que mais tarde, poderá ser transformado em livro. O trabalho está sendo possível graças a ajuda da professora Lúcia Lobo, da Universidade Católica de Goiás, tendo em vista que o professor perdeu parcialmente a visão, em consequência das dezenas de maleitas contraídas durante sua permanência em florestas.

Com uma expressão amarga, o professor, hoje com 76 anos, comenta que não tem nenhuma esperança de recobrar a visão, uma vez que o mal foi provocado pelo uso constante de um remédio chamado quinino, no combate às maleitas. Acrescenta que essa foi uma das maiores frustrações de sua "vida de luta", tendo, inclusive, sido obrigado a

se afastar das funções de professor e de diretor do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás. O Museu possui um acervo de mais de três mil peças fabricadas pelos índios de Goiás e de Mato Grosso, todas coletadas por Acary de Passos.

O sertanista lembra que a perda da visão é apenas mais um dos golpes já sofridos: primeiro foi a morte do pai, em 1908, quando participava de uma expedição do marechal Rondon, na instalação das linhas telegráficas ligando Mato Grosso ao Amazonas; há seis anos, a perda do filho, que passava a lua-de-mel no rio Araguaia e não resistiu a um ataque cardíaco, instantes após ter salvado a mulher que se afogava. "Tem dia que a gente fica sem qualquer motivação para o trabalho", queixa-se.

OBSTINAÇÃO

Mas o professor não se deixa

abater por muito tempo e, demonstrando a antiga obstinação, observa que, com a elaboração do documento, poderá realizar, pelo menos em parte, um de seus grandes sonhos: deixar para a posteridade tudo o que viu e aprendeu nas selvas, principalmente a experiência de longo tempo de convivência com os índios.

O documento, garante Acary de Passos, deverá revolucionar os atuais conceitos sobre os indígenas, hoje "completamente abandonados pelo governo e marginalizados também pela própria sociedade". Explica que de início, o trabalho deveria ser publicado com o apoio da UFG. Mas não houve maior interesse e, então, surgiu a oferta de ajuda da UCG: "O atual reitor, padre José Pereira de Maria, chegou em mim e disse: Não podemos deixar que seus 40 anos de experiência nas selvas sejam também levados para a sepultura".

### 40 anos de aventuras

A vida de sertanista do professor Acary de Passos começou em 1939, quando esteve na Ilha do Bananal, em Goiás, para abrir um campo de pouso, a pedido do então presidente Getúlio Vargas, que desejava conhecer o local, o que fez no ano seguinte. A estada de quatro dias na Ilha, lembra, serviu para que o então dirigente máximo do País tomasse importantes medidas, entre elas, redimir-se de uma injustiça que vinha praticando contra os índios, com o objetivo de prejudicar o marechal Rondon.

Ele explica: "Acontece que Rondon, por ser adepto da filosofia positivista, recusara-se a participar da Revolução de 30, alegando não ser justo o derramamento de sangue entre irmãos para levar uma ou outra pessoa ao poder. Por isso, Getúlio, saindo vencedor, queria castigá-lo. Mas como não podia fazer isso diretamente, por ser Rondon um nome conhecido internacionalmente, o fez de maneira indireta: cortando as verbas para SPI — Serviço de Proteção do Índio, que era a menina dos olhos de Rondon. Mas, quando viu a situação dos índios no Araguaia, Getúlio se deu conta do mal que estava fazendo, e mudou inteiramente de idéia, voltando a destinar verbas ao órgão.

A EXPEDIÇÃO

Na verdade, a vinda de Getúlio Vargas ao norte de Goiás tinha mais a ver com seu conhecido plano "A marcha para o Oeste". E foi dentro desse propósito que o professor

Acary encabeçou a expedição que abriu uma estrada cortando as matas de Mato Grosso, saindo de Aragarças, Goiás: indo até o rio Xingu, já quase na divisa com o Pará. Os trabalhos começaram em 1943 e só terminaram 20 anos depois.

Acary observa que a finalidade básica da estrada, na realidade, era mais de cunho estratégico. Como, na ocasião, havia sido deflagrada a Segunda Guerra Mundial, o governo temia que, com a capital do País localizada no litoral, Rio de Janeiro, o poder central estaria a mercê dos inimigos estrangeiros, em caso de uma repentina invasão.

Esse temor, segundo o professor, aumentou muito mais quando houve o afundamento de um navio brasileiro em Cabo Frio, muito próximo ao Rio de Janeiro, então capital do Brasil. E acrescenta: "Dessa forma, caso ocorresse a invasão, o governo poderia se transferir imediatamente para as selvas de Mato Grosso, pois já haviam a estrada e campos de pouso para aviões. E lá os soldados europeus iriam encontrar, entre outros obstáculos, um exército de mosquitos e de outros insetos venenosos, com os quais não estariam acostumados".

CRÍTICAS

Apesar de colocada como alternativa de defesa do País, na possível invasão estrangeira, que acabou não acontecendo, a construção da estrada recebeu muitas críticas da imprensa na época, ao lado de alguns elogios, como conta o professor Acary, no livro Roncador-Xingu — Roteiro de uma ex-

pedição: "... Outra corrente atacava sem dó nem piedade os iniciadores da arrojada empresa, alegando, entre outras razões, que a expedição iria provocar o ódio sempre latente entre os indígenas, habitantes da região que seria palmilhada, prejudicando o início de uma cruenta guerra de extermínio entre brancos e índios".

Além da estrada, um outro feito da expedição Roncador-Xingu, lembra o sertanista, foi a consolidação do Parque Nacional do Xingu como reserva indígena. O professor servia como "elo de ligação entre o Palácio do Planalto e o Parque", até deixar as funções em 1965. Antes disso, contudo, o velho pioneiro havia praticado outras façanhas.

A idéia da construção de um hospital na Ilha do Bananal, por exemplo, nascera de um comentário feito por Acary a um secretário do então presidente Juscelino Kubitschek, durante uma "rodada de uísque" em Brasília, após o expediente: "Disse ao secretário que o presidente deveria construir um hospital na Ilha. No outro dia, fui chamado por Juscelino; e daí a seis meses o hospital e o Hotel JK estavam construídos. O presidente os inaugurou em 1960. Os engenheiros resolveram construir também o hotel por terem achado o local muito bonito".

Na mesma ocasião, recorda-se Acary, foram inaugurados ainda o campo de aviação asfaltado, e uma nova aldeia que ele mesmo construiu para os índios karajá, observando, sobretudo, o fator higiene. Mas, posteriormente, o fogo a destruiu e, de resto, tudo na Ilha está hoje relegado ao abandono, lamenta o professor.